

**SANDEVILLE JUNIOR, Euler . Disciplina e Conhecimento.** In: VARGAS, Heliana C.; MIYADA, Paulo K. A.; NOBRE, Daniel; GOMES, Priscila. (Org.). **Seminário Ensino Arquitetura e Urbanismo.** São Paulo: FAUUSP, 2007, v. , p. -.

#### LICENÇA DE USO

Este artigo é disponibilizado sob uma licença Creative Commons, como parte da proposta da Espiral da Sensibilidade e do Conhecimento (<http://www.espiral.org.br>) e do projeto acadêmico em <http://www.ambiente.arq.br>.

**Você pode reproduzir e distribuir esse material desde que** citando devida e visivelmente os dados de autoria e publicação, sem adições, cortes ou qualquer meio que altere o sentido ou prejudique a integridade original do material, sem finalidades comerciais ou de propaganda de qualquer tipo, ou em contextos que promovam qualquer forma de violência, o racismo, discriminação. Caso distribua esse material, o fará explicitando essa licença. Sob nenhum aspecto essa licença representa seção de direitos.

## **DISCIPLINA E CONHECIMENTO**

**Euler Sandeville Jr<sup>1</sup>.**

### Resumo

Este texto tece considerações sobre a natureza das relações de poder que possam representar as disciplinas internas ao campo disciplinar da arquitetura e sobre a problemática distinção pensar-fazer, sobre insatisfação com o presente, sobre afetividade e liberdade para sugerir um entendimento do que seja conhecimento.

## **LIBERDADE**

“Ai que prazer  
não cumprir um dever.  
Ter um livro para ler

---

<sup>1</sup> Prof. Dr. Euler Sandeville Jr. Arquiteto e Urbanista, Arte-Educador, Mestre e Doutor Estruturas Ambientais Urbanas, Pós-Graduação em Ecologia. Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, orientador dos Programas de Pós-Graduação da FAU.USP e Ciência Ambiental da USP, Coordenador da Área Concentração Paisagem e Ambiente, FAU.USP, Coordenador do Mestrado em Ciência Ambiental, PROCAM.USP, Pesquisador do Laboratório Gestão e Projeto do Espaço (FAU/USP), Pesquisador Associado do Laboratório de Políticas Ambientais (PROCAM/USP). Editor da revista digital <http://www.linguagens.ato.br>. Site para contato: <http://www.ambiente.arq.br>.

e não o fazer!  
Ler é maçada,  
estudar é nada.

“O sol doira sem literatura.  
O rio corre bem ou mal,  
sem edição original.  
E a brisa, essa, de tão naturalmente matinal  
como tem tempo, não tem pressa...

“Livros são papéis pintados com tinta.  
Estudar é uma coisa em que está indistinta  
A distinção entre nada e coisa nenhuma.

“Quanto melhor é quando há bruma.  
Esperar por D. Sebastião,  
Quer venha ou não!

“Grande é a poesia, a bondade e as danças...  
Mas o melhor do mundo são as crianças,  
Flores, música, o luar, e o sol que peca  
Só quando, em vez de criar, seca.

“E mais do que isto  
É Jesus Cristo,  
Que não sabia nada de finanças,  
Nem consta que tivesse biblioteca... ”

Fernando Pessoa

Trata-se de um texto enraizado nestes anos, meses e semanas, vivenciado imensamente. Cada palavra e frase foi pensada, embora possam ser melhoradas, explicitadas, e devam ser revistas. E a resposta? Bem, antes dela deve-se estabelecer o princípio que a animará, e todo princípio é uma escolha. Tanto quanto toda escolha se faz a partir de princípios praticados, senão procurados, mais do que nomeados. Que sedução o presente: herança e um estado prenhe de um futuro que mudará.

Permaneci horas sentado na frente deste micro escrevendo. Mais horas ainda em reuniões, tentando ler os textos falados. Desejos de todos os tipos percorrendo invisíveis o momento, alçando seus vôos muito além das salas e ateliês em que nos encontramos. E por algum acidente, ali estavam, aguardando seu próprio tempo e aguardando o que poderiam trazer desses mundos existenciais a cada

momento. Desejos de mudança. Desejos de retorno. De permanência. De poder. De indiferença. De existência. Pensamentos repetitivos, em sua busca de afirmação e comunicação. Brechas, difíceis de crer. É nossa forma de avançar?

## **SOBRE DISCIPLINA E PODER**

### **a. arquitetura**

Uma das dificuldades iniciais é que temos utilizado várias vezes alguns termos recorrentes, com significados diversos e intercambiantes. Destaco três em particular: *disciplina*, *projeto* e *atelier*. Isso torna os discursos por vezes fugidios para consensos ou dificuldades de crítica, já que se revelam enraizados nessas imprecisões, transitando significados que correspondem a nossas práticas. Também poderíamos reconhecer o mesmo quanto à palavra *arquitetura*. Porém, resolvemos dotar-lhe de um campo no qual nos parece válida, para suportar a discussão que segue:

*“O meu conceito de arquitetura está na união e colaboração das artes, de modo que cada coisa esteja subordinada às outras e com essas em plena harmonia e, quando uso essa palavra, esse será o significado, não um mais restrito. É uma concepção ampla, porque abraça o inteiro ambiente da vida humana: não podemos nos subtrair da arquitetura enquanto somos parte da civilização, pois que representa o conjunto de modificações sobre a superfície terrestre, em vista das necessidades humanas. Nem podemos confiar nossos interesses a uma elite de homens preparados, pedindo a eles que investiguem, descubram e criem o ambiente destinado a nos hospedar, para depois nos admirarmos perante a obra pronta, apreendendo-a como coisa acabada. Isso cabe a nós mesmos; a cada um de nós cabe empenhar-se no controle e na proteção da orientação justa da paisagem terrestre, cada um com seu espírito e suas mãos, na parte que lhe cabe, para evitar que deixemos a nossos filhos um tesouro menor do que aquele que nos foi deixado por nossos pais” (William Morris, conferência no London Institution, 1881<sup>2</sup>).*

### **b. disciplina**

Com relação aos conteúdos disciplinares, há pelo menos três modos pelo qual “disciplina” vem sendo discutida entre nós. O enfoque mais freqüente entende *disciplina* em oposição a *atelier*, vinculada aos atuais grupos de disciplina, correspondendo em linhas gerais a segmentações e especializações no mercado, e que na FAU acabaram constituindo um corpo fragmentado e desarticulado. A crítica principal seria ter-se transformado a abordagem do objeto arquitetônico - que se supõe sintética e de alguma totalidade - em uma abordagem a partir da fragmentação disciplinar.

---

<sup>2</sup> Citado por Magnoli (1987a:01), no italiano, a partir de verbete de Leonardo Benevolo na *Enciclopedia del Novecento* vol I (1976) e em português em Magnoli 1994a (entre outros).

Essa demanda, no meu entendimento, é parcialmente válida. É válida na medida em que de fato é necessária uma aproximação maior entre as sub-áreas específicas da arquitetura e do urbanismo, e que não se pode descartar totalmente a abordagem do projeto a partir de um recorte temático ou programático, sem que com isso se perca sua condição de síntese. Por outro lado, proclama e se enraíza em um falso problema em relação ao atelier como prática versus aula de conteúdo, bem como um falso problema liberdade-aprendizado.

Sua finalidade no questionamento das *disciplinas* acaba sendo uma afirmação radical do campo disciplinar da arquitetura, inclusive de uma forma específica de pensar arquitetura, onde os modelos que a suportam são pouco explicitados e debatidos, o que quase equivale a dizer que se tornam naturais. Questionando as **soluções prontas** dos exercícios tradicionais, não apresenta garantias de não estar veiculando fortemente uma **idéia pronta de arquitetura e de projeto**.

Um outro enfoque possível ultrapassa a discussão sobre *disciplina* mencionada acima, na qual foi entendida basicamente enquanto unidade didático-pedagógica da escola. Trata-se agora de discutir a própria arquitetura como campo disciplinar, no concerto ou no arranjo do conhecimento na sociedade moderna, e na sua Universidade, apenas à especialização não apenas do conhecimento, mas das práticas profissionais. Esse outro caminho de discussão da *disciplinaridade* sugere implicações bem diversas, e está pouco amadurecida entre nós. Sua maior consequência seria discutir como se dá a relação desse campo específico no âmbito da universidade, como os programas de ensino interpretam, praticam e se relacionam, com quais necessidades sociais e de conhecimento estabelecem vínculos. Nesse caso, no limite, seria a constituição mesma da arquitetura como área de conhecimento e prática, dotada de um corpo próprio, o que **a constituiria como estrutura de poder**.

Uma terceira possibilidade é simplesmente reconhecer na *disciplina* uma unidade didático-pedagógica a ser criada de uma forma ou outra no percurso do aluno, de modo que mesmo os ateliês livres são alguma forma de fragmentar a organização de conteúdos. A noção de livre, nesse caso, parece se impor sobre a prática disciplinar, o que de fato não ocorre já que o argumento se assenta em uma dicotomia prático-teórico e que sua prática visa exatamente estabelecer a arquitetura como um campo disciplinar autônomo. O que acaba sempre expresso na forma de uma grade (nome sugestivo, para uma proposta de libertação).

### **c. atelier e projeto**

Com relação ao *atelier*, além do já apontado acima, entende-se ora como uma prática específica do ensino de arquitetura, ora como o lugar em que se dá essa "prática", freqüentemente confundindo e criando uma interdependência entre elas. A discussão ainda é aquela apontada nos parágrafos anteriores, polarizando entre um corpo de conhecimentos a ser transmitindo versus uma forma voluntária e auto-suficiente de aprendizado, que se daria pelo ambiente e pelo estímulo proporcionado, assumindo vários matizes possíveis entre esses dois extremos. Na verdade, pouco se tem aprofundado a reflexão sobre essa

dimensão, e sempre desvinculada de uma experimentação, o que recomendaria pensar melhor esses pressupostos do debate.

O *projeto*, de igual modo, completa essa tríade, confundindo-se ora com a própria arquitetura, um saber-fazer específico, ora com a prática do *atelier* como etapa de construção determinante desse saber, ora com o projeto específico de edificação e suas demandas de inserção no lote e na cidade. Uma outra forma de discutir o *projeto*, mas que converge para o que foi dito anteriormente, é considerá-lo como intencionalidade, numa oposição entre destino e desígnio, entre existente e por existir, estabelecendo um campo possível de utopia, de realização, e ao mesmo tempo de construção de um objeto. Porém, essas certezas, em um campo de incertezas, podem ser questionadas.

#### **d. campo disciplinar**

Há que reconhecer que a arquitetura não é formada de muitas disciplinas, e sim que reivindica para sua constituição um campo disciplinar. Trata-se de uma diferença notável, e deve ser notada. E como todo campo disciplinar, está associado a práticas de mercado e corporativas, do que a academia não é, nem será nunca, o observador crítico ou isento. Não se trata de advogar uma cínica ou inconsciente adesão a esse mercado, mas de reconhecer por quais mediações ela se dá, mesmo quando se propõe independente e quando se define a Escola como formação e o mercado como prática. Uma reprodução ampliada das questões anteriores, muitas vezes levando à limitação da escola como espaço experimental e de práticas, e a um distanciamento do exercício profissional do campo para o qual se forma e das responsabilidades que deveria implicar.

A construção desse campo disciplinar, entretanto, recorre à contribuição de muitos outros campos disciplinares, selecionados e reorganizados para seus fins (o que não é uma característica só da arquitetura). O que caracteriza o campo da arquitetura não é o *projeto*, como tanto se diz (ou o plano, ou a gestão), é a *transformação do espaço*, e o desejo maior ou menor de organizar, intervir ou redirecionar essa transformação. Daí, muitas de suas contradições e esperanças.

**Só a partir da crítica a essa condição se poderia discutir os instrumentos dessa transformação ou construção do espaço, e os saberes necessários.**

Apesar de que poucos arquitetos discordariam de que o espaço é a matéria da arquitetura, há uma concepção do *projeto* como o diferencial do arquiteto para a ação no espaço. Nosso questionamento não implica em negar essa dimensão, mas em negar que seja a única forma de ação arquitetônica no espaço.

De modo que qualquer crítica nesses termos, no plano exclusivo das disciplinas em que se subdivide a arquitetura, mesmo que tentando reintegrá-las, tende a tornar no fim mais autônomo este campo, pois visa estabelecer um discurso unitário que sustenta como independente o âmago do campo disciplinar. Ou seja, aceitar a divisão disciplinar interna na arquitetura ou procurar reintegrá-la no *atelier*, nada mais faz do que reafirmar uma autonomia disciplinar (a do campo) e só faz sentido internamente à disputa ideológica dentro desse campo, deixando intocada a divisão de saberes na qual a arquitetura reivindica ser campo

(autônomo, próprio) na sociedade e na universidade. Faz parecer que o problema é uma questão de constituição interna, de arranjo, de distribuição, de síntese. Uma crítica radical atingiria os fundamentos mesmo da disciplinaridade do conhecimento, o que não pode ser feito internamente à arquitetura.

Do ponto de vista do poder, não se pode negar que a departamentalização, e a “comissionalização” das representações de iguais (pares) e chefias, é uma forma progressiva de educação do educador e do aluno. E de nada adianta retomar a suas origens, pois o que vemos hoje é uma transformação radical dos dados iniciais dessa reforma, e não o que se deu então. Ou seja, incorporou-se e estabeleceu-se um sistema dinâmico, para além de suas **normas e arranjos formais**. Mas os objetivos hoje não são como a 40 anos atrás, pois as estruturas, mesmo que pareçam inertes, vão sendo resignificadas pelas práticas, no tempo. E os objetivos que lhe deram origem também não permaneceram inertes, reorganizaram-se lentamente no decorrer de quase meio século de mudanças diuturnas. De modo que, se é necessário retornar ao entendimento do passado, o que será sempre alguma interpretação a se discutir, é fundamental também entender a que esse arranjo satisfaz hoje, a que pretendeu satisfazer, o que seleciona esse retorno ao passado, em relação com o que se busca restabelecer hoje. De modo que seu significado, ousou dizer, não é o mesmo, e portanto de nada adianta repetir os mesmos clichês, que só levarão à afirmação do que já não se rompeu anteriormente.

É nos arranjos e nas práticas (arranjos sem práticas não existem, não existem! Quais são as práticas atuais?), que se deve buscar reconhecer as estruturas de poder. Seja uma expressão de como se arranjam as relações e seja também o suporte desses arranjos, é para as práticas que devemos voltar os olhos. E não aceitar sua simplificação, seu aprisionamento em esquemas ideológicos reducionistas, por mais motivadores que sejam, pois jamais trarão a liberdade, seja o que for isso. Se as fragmentações do cotidiano nos fazem nos perdermos em jogos como legos, as racionalizações estruturais nos fazem nos perder no vácuo das palavras.

Esses arranjos institucionais (há quem diga, não sem motivos, que a Universidade pública não é mais uma Instituição, mas apenas uma organização) são *estru(conjun)turas* que circunscrevem e equilibram o exercício e a disputa do poder na instituição. Mas isso é pouco, senão quase nada. Neste sentido, tanto os arranjos, quanto a sua crítica, aproximam-se muito da distração, da competição do jogo. Todo jogo tem regras, e sabemos quais as nossas, sobretudo as que não se escrevem, como dizia Lang: *“Eles estão jogando o jogo deles/ o jogo de não jogar o jogo / se lhes mostrar que os vejo tais quais estão / jogando o jogo de não jogar o jogo/ quebrarei as regras de seu jogo/ e receberei a sua punição/ o que, pois, devo fazer?/ jogar o jogo de não jogar o jogo”* (citação livre, por memória).

Apesar de lúdico para seus participantes, que se declaram irremediavelmente enfatoados e inocentes (*“eu não quero, mas consinto”*, com esse cargo, essa função, essa disciplina, esse trabalho,...), tem a gravidade de aí se inscreverem

destinos, possibilidades e limites. De modo que um processo, que tem como justificativa a racionalidade e autonomia do desenvolvimento acadêmico, ao não diferenciá-lo em sua prática, acaba por isolar sua contribuição humana em seus muros de justificação, e a fazer do desenvolvimento acadêmico algo parcialmente estranho ao envolvimento humano. O que se desdobra tanto internamente à Universidade, quanto em sua relação com a sociedade na qual se estabelece.

As disputas entre campos de saberes e ideológicos não se dão apenas internamente à escola, e as *disciplinas* enquanto estruturas de ensino representam parcialmente esse campo de exercício do poder. Todo saber tende a ser, em nosso caso, corporativo, mas a natureza essencial da disputa de poder transcende tanto quanto respeita essas estruturas corporativas. Não se trata só de corporação, amamos o nome e a idéia que abriga, Arquitetura, a despeito de todas as evidências que nos cercam, porque somos o que sabemos (aprendemos) e o que fazemos, e não um conceito abstrato de ser. A crítica do que somos é trágica. **No caso da arquitetura, não se pode remeter todas as críticas ao desempenho de sua produção à dimensão de ignorância ou incapacidade de compreendê-la, uma vez que essas críticas retratam experiências de vida concretas em relação às práticas e valores que sustentamos. Experiências de vida que se dão no espaço, na matéria sobre o qual alegamos algum saber. Teríamos que retomar o nosso próprio processo crítico em relação ao que seja esse saber, suas relações com os processos de transformação do espaço, e nossa pretensão de saber-fazer algo quanto a isso.**

#### **e. especialização**

Além disso, não é um movimento peculiar da arquitetura questionar a especialização (o que lhe é peculiar é conceber-se interdisciplinar a si mesma). É uma condição contemporânea! Repito, questionar a fragmentação disciplinar é uma condição contemporânea. De modo que sua crítica precisa ser colocada em um campo sensível. As disciplinas, como estruturas e conteúdos, expressam um arranjo social sem dúvida, mas um arranjo que por toda parte está mudando, de modo que seu questionamento pode não estar mais significando apenas *opor-se*, mas *levar-se*. A situação não é simples, neste momento em que começa a haver também uma revalorização do saber disciplinar. Os dois processos sobrepõem-se, imagino que pelo enraizamento institucional-normativo do arranjo e pela eficácia que traz em certas áreas. E por que não considerar que a transposição dos campos disciplinares, concomitante a seu reforço, é também disputa por mercado?

Do ponto de vista da distribuição do poder, internamente, seu moto não são as *disciplinas*, mas a disputa ideológica e a disputa por posições nessa estrutura que conecta, em um primeiro momento, as distribuições (de todo tipo) internamente, e logo, externamente à FAU e à Universidade. De modo que o exercício do poder não pode ser mascarado contra uma rebeldia disciplinar, pois ela ainda permanece disciplinar, já que visa consolidar o específico da Arquitetura.

E também porque os arranjos de poder têm outra natureza. Buscam um equilíbrio, ou o controle, se possível, nas estruturas existentes, daí sua resistência à sua mudança, especialmente quando atingem a capacidade de mover-se nessa estrutura. Mas como não está nas estruturas em si a natureza do poder, mudar as estruturas não mudará o arranjo de poder, levará apenas à sua reorganização. Caso leve à mudança de mãos, ainda trata-se de uma disputa pelo poder. Em si, isso pode ser tanto ganho quanto perda, já que o foco não enfrenta uma postulação explícita, mas simbólica. Seria mais proveitoso então discutir os limites, obrigações, legitimações, controles da disputa e do exercício do poder. O resto é abstração ou pretexto, ainda que pareça imediato e objetivo, factual, fácil de ser definido.

## **PENSAR E FAZER**

Neste sentido, há uma série de categorias de representação da realidade que dão suporte aos confrontos ideológicos e políticos (quando não partidários), internos à arquitetura, que se alinham com as questões sociais mais amplas nas quais necessariamente esse campo existe. Essas categorias governam o campo de debates possível, que não é só teórico de modo algum, mas ideológico, normativo institucional, cultural e outros “als” e “ismos”. Uma sociedade que não pode mais ser “vista” sob as óticas excludentes das ideologias nacionais, internacionalistas, localistas, nem disciplinares, nem das visões estruturais que planam sobre o particular pensando-se determinantes do acontecimento, embora também não possa ser “vista” sem essas categorias. Mas o que sabemos sobre isso?

Em que outras categorias vamos desdobrando nosso conhecimento-posicionamento estético, artístico, técnico, prospectivo? Político? Quais as implicações de sua inserção em um quadro institucional onde a artificiosa separação pensar-fazer nada mais é do que uma ilusão, um divertimento (ou melhor, distração), para, grosso modo, dividir no que é oportuno a cada etapa da vida mais do que do conhecimento? Aliás, quando se pode falar de conhecimento?

São fácies do mesmo pensar e fazer. Nossos olhos, em uma sociedade de produtos, de aqui-agora, de coisas prontas, voltam-se para o projeto (produto), quando o importante é a natureza do projeto, o modo como se projeta (processo) e o modo como se executa e se mantém ou transforma-se (processo). O percurso é mais importante do que o produto, no processo de conhecimento, e o produto mais importante do que o conhecimento, no mercado (e devemos reconhecer que o *mercado* reorganiza-se constantemente, transformando em oportunidades de negócios o que até pouco era *improdutivo*). Não haveria que discutir melhor isso? Porém, idealizamos tudo “dentro” da escola (o lugar para isso), sejam produtos, sejam processos traduzidos em estruturas de ensino, sejam dificuldades, sejam expectativas, simulamos os problemas e suas soluções.

Em conseqüência, “aplicamos” tudo “lá fora” (o lugar para isso), uma divisão curiosa que faz lembrar o que é lícito à intimidade (mesmo em algum coletivo) e o que é conveniente (freqüentemente útil) ao público; e aqui conveniente quer dizer acordado, e útil quer dizer ganho. De modo que o público deixa de ser

coletivo, para tornar-se uma oportunidade de apropriação para a realização do individual, entendido não como subjetividade e intersubjetividade, o que seria rico, mas como um ganho “para-si”. O coletivo, para além de nossas falas rigorosas e apaixonadas, trata-se na nossa prática **mais do amontoado do que do coletivo. Essa tem sido a prática: fragmentar e amontoar. Mas discutimos só o fragmentar e propomos uma outra forma de amontoar. Não seria então, também, apenas uma outra forma, outra maneira, de isolar?**

## **AFETIVIDADE**

Como proceder? Em primeiro, uma crítica dos pressupostos. Em segundo, a transparência de razões e processos, ou não se rompe esse círculo que retorna à própria origem, que define a própria natureza. A menos que o que importa seja ganhar, vencer a polêmica seja a meta, aí tudo bem, deixa “pra lá”, não haverá mudança. Em terceiro, diminuir a distância artificial entre idéia e experiência, entre trabalho e proveito, entre cotidiano e estrutura, entre desejo e ação.

*“Não é uma meta o que põe fim à busca. A meta está na própria busca, é nela que cresce o amor por aquilo que procuramos” (Maldonato)*

Se é assim, não é na idéia que está a transformação, nem o produto é seu resultado inequívoco, sendo ridículo o esforço de estabilizá-los. É na ação, na realização da busca que está a possibilidade de transformação. Claro que não se trata de uma busca cega, impensada, ainda que jamais poderá estar pronta. E claro está que se trata de uma oposição a uma busca que jamais se realiza, senão enquanto busca abstrata, como busca da busca, como insatisfação da insatisfação. É na ação, no trabalho, e no prazer, que se dá a busca. Antes de definirmos novas e velhas estruturas, não seria melhor experimentar, criá-las em processo?

Não se aprende primeiro para depois compreender, nem se exercita primeiro para depois aprender. O conhecimento se dá apenas no âmbito de alguma prática e a prática só é possível sobre algum conhecimento. Não há paradoxo: pensar teoria como conhecimento e a prática como exercitação ou aplicação, e essas como oposições, é que inventa a dificuldade do ovo e da galinha. O conhecimento é uma prática. A prática é conhecimento.

A questão é: “o que é a teoria?”, que é uma tentativa de explicação e previsão de fenômenos. O que é só teoria é abstração, o que é só prática idem, pelas mesmas razões. Daí separar conceitual, operativa e espacialmente teoria e prática na formação, ao invés de reconhecê-las imbricadas em todo o processo e em suas diversas estratégias, é irreal. É não discutir bem qual prática suporta a teoria e qual teoria aninha-se na prática. E daí dizer que aula teórica é *cuspitiva*, e que aula prática é *rabiscante*, é totalmente inócua, e chegará onde já chegou. Daí a nomenclatura esquisita de aula prática (de exercícios) e de aula teórica (de explanações) não discute o conhecimento, que não se transmite e, mesmo quando se adentra, tem sua dimensão criativa.

O saber não se dá aí. Ignora totalmente essas constituições, constituindo-se por entre elas e se for necessário apesar delas. Imaginar que o desenho é a síntese é não fazer a crítica de sua constituição. É não perceber que não há nada mais complexo do que a palavra, e que a palavra é tão complexa quanto o desenho ou qualquer outra forma de expressão que nosso corpo anima, convida e possibilita, mesmo com instrumentos que criamos. No entanto, há palavras totalmente vazias, sobretudo nos memoriais, e desenhos vazios nas pranchetas. Há aulas e ateliês cheios de gente que estão vazios. Porque, como qualquer coisa, podem sempre **tornar-se automáticos**: *“e a irreflexão - a imprudência temerária ou a irremediável confusão ou repetição complacente de ‘verdades’ que se tornaram triviais e vazias - parece ser uma das principais características de nosso tempo. O que proponho, portanto, é muito simples: trata-se apenas de refletir sobre o que estamos fazendo”* (Hanah Arendt).

A transformação arriscaria, não está em refletir sobre o que estamos fazendo, colocando-nos para além desse fazer, em suspensão a esse fazer, para redefinir o fazer e implementá-lo em um novo desenho a seguir. Isso é linear, é ainda a busca de uma solução dada *a priori*. Aquele refletir em suspensão do fazer acaba constituindo uma prática de reflexão sobre si mesma, tal como seria a universidade pensar-se um lugar de crítica da sociedade, e não como um lugar social, que não lhe é independente, mas que, indo ao termo, é esse social.

A transformação não está nas palavras nem nas estruturas e grades que desenham. Está em não suspender a prática para refletir, mas em refletir fazendo, o que implicaria fazer refletindo. Não investigar essas dimensões, é condenar-se ao obsoleto que parece inovação, ao que nasce perene (um **recém-nascido-velho**). A busca não pode ser, por outro lado, um processo circular infinito. Morin utiliza então a metáfora da espiral para superar e aproveitar essa circularidade, quando ela não é autodigestiva e autocomplacente. As dificuldades não param com essa diferenciação, começam:

*“Queremos saber, mas sabemos que não podemos saber tudo. Queremos ter, mas sabemos que não podemos possuir nada realmente. Queremos amar, mas sabemos que é impossível possuir o que amamos”* (Maldonato).

Não podemos saber tudo, o que se pensa, se escreve, se decide a portas fechadas. Tal saber não será, portanto, a base única da ação, já que de fato também não se pode dizer que não saibamos nada (independente de serem esses saberes verdades ou não). Não podemos ter de fato o que possuímos senão sendo possuídos (não desenvolverei a complexidade ambígua desse possuir), cruel contradição que não traz os desafios relevantes. Se quisermos dotar algo de algum sentido, há que amá-lo. Mas falar em amar, para além da esfera privada da afetividade, muitas vezes é visto de forma pejorativa, piegas.

Por que?

Desejar amar é um passo. Não possuir é o que mantém vivo o amor, outra cruel contradição (veja Rougemont, Morin, Fromm, etc.). No entanto, sempre haveremos de abraçar o que dele alcançamos (abraçar no japonês, 抱きしめる)

=apertar contra o peito, com intimidade). Logramos (do Aurélio: gozar, fruir, desfrutar, alcançar um resultado, mas também enganar com astúcia)? Logo, deixando a ternura pela voracidade, logo esquecendo amar, para contê-lo em nosso mundo. Logo o amor se torna fantasma, assombração de um presente, que ao se aproximar revela-se quimera, posse, só e exclusivamente meu. Pior, se amamos (ou desejamos apaixonadamente) uma idéia, de pessoa, de mundo, de relação, de curso, a busca dessa idéia é sua cilada e sua tragédia. Não será, ao menos em parte, esse desafeto o que permite a suspensão do que se faz para o que se pensa?

Sem entender a distinção entre amor e paixão pela durabilidade (absurdo recorrente), há que reconhecer que o amor traz a possibilidade da tragédia e da esperança, e que sem paixão, e amor, não se terá satisfação no presente. Eis outra questão, a separação entre amor e paixão, entre idéia e ação, é sempre uma divisão inverossímil, como aquela entre tempo (passado-presente-futuro) e espaço (aqui-ali-lá); é a distinção absurda entre hoje e amanhã tornada linear, seqüencial e progressiva.

É o pensamento primário do passado-presente como insatisfação: *The Sheltering Sky*, de Bertolucci<sup>3</sup>, sempre visto na polarização turista-viajante, mas que vejo como esse distanciamento da satisfação, sempre *onde-quando* não se está (*quando onde se está*, está a única realização possível), e do futuro como satisfação. Ou seja, remete-se a satisfação a uma dupla impossibilidade de existir, ao que se perdeu em um passado fantasiado e num devir transcendente. Paradoxo, total impossibilidade, muito familiar a arquitetos. Mas o futuro é tecido com as lembranças do presente.

O *aqui-agora*, esse momento em que tempo e espaço se encontram como que por milagre em nossa cultura, e por isso mesmo fugidio, poderia ser também um longo aqui-agora (Sevcencko). Mas porque falar dessas coisas no cotidiano da universidade? Não é prático, nem teórico, nem conveniente, nem útil. Nem público? Ah, vamos mal, de opacidade em opacidade, falando da transparência. Sem afetividade não há conhecimento que mereça o nome, e conhecimento é a experiência de ser no mundo, com outros.

O que fazer? A busca infindável é apenas um retorno ao que se perdeu. Sabe-se lá onde? Sabe-se lá quando? E se a resposta certa é a própria morte de sua utilidade? O que fazer se as visões visionárias, em sua insatisfação com o presente, plasmam um futuro impossível e arbitrário? Se as utopias, que dão a dimensão da insatisfação com o mundo estabelecido, supondo sua transformação em uma única direção, como resposta, tornam-se autoritárias? O que fazer?

## **LIBERDADE**

Certa vez, ainda aluno de arquitetura, li um poema sobre a liberdade. Entendi ao pé-da-letra, o que é um contra-senso para um poema, e para um poeta. Parecia-me liberdade não fazer, se assim o quisesse. O acúmulo do que se produziu seria opressão; encontrava-me na obrigação de contradizê-lo.

<sup>3</sup> *The Sheltering Sky*, de Bernardo Bertolucci, 1990, baseado no livro autobiográfico de Paul Bowles, 1949.

Anos depois, o mesmo poema me desafia e seduz de outro modo. Tendo um livro para ler, não porque me foi imposto por outrem, mas porque meu processo pessoal o chamava no amontoado de coisas que se pode saber, à revelia de tudo decido não o ler, não ser escravo de minha própria vontade de conhecer, de dialogar com os mitos que me cercam. Porém, a mesma possibilidade anterior também se poderia colocar, e não precisando ler, decido sobre o que fazer.

Após concluir meu doutorado, passei alguns anos sem ler, mas depois de vagar pelo mundo, por “Brasis”, ler me ajudou novamente a pensar esse mundo. Hoje diria que há liberdade em não fazer, mas também em fazer. O sol que “*doira sem literatura*”, ilumina a literatura que o doura... E é assim que decidi reler Fernando Pessoa, embriagando-me de sua liberdade, como dizia Baudelaire - “*Embriagai-vos sempre*”:

*“Deve-se estar sempre embriagado. Nada mais importa. Para que o horrível fardo do tempo não vos pese sobre os ombros e vos faça pender para a terra. Deveis embriagar-vos sem cessar. Mas de quê? De vinho, de poesia ou de virtude à vossa escolha. Mas embriagai-vos!*

*E se em dia, nos degraus de um palácio, na erva verde de uma valeta, na solidão baça do vosso quarto, acordardes, já sóbrios, perguntai ao vento, à onda, à estrela, à ave, ao relógio, a tudo o que foge, a tudo o que geme, a tudo o que rola, a tudo o que canta, a tudo o que fala, perguntai: “Que horas são?”. E o vento, a onda, a estrela, a ave, o relógio, responder-vos-ão: «São horas de vos embriagardes!».*

*Para que não sejais os escravos martirizados do tempo, embriagai-vos sem cessar. De vinho, de poesia ou de virtude. À vossa escolha.”*

Charles Baudelaire (Enivrez-vous, em *Petites Poèmes en Prose*, de 1862)

Mas não haveria uma cilada, a nos dobrar com o peso desses autores, propondo uma razoabilidade e um acordo que de fato não há em seu convite? Não haveria uma falta de escolha nesse embriagar-se, para quem não deseja o vinho, mas poderia amar a poesia, a cultura, ou a virtude? Qual a distância entre embriagar-se de vinho e de virtude? Onde está a liberdade? Em embriagar-se ou não? Cabe a quem lhe dizer? Por que aceitar os termos do problema como fatos? Há a possibilidade de discordar, de conhecer, confrontar, mas também usufruir. Há muitas formas de aprender. Há muitas formas de liberdade, inclusive a de pensando ser livre, repetir o comando dado sem saber se está a fazê-lo...

Cabe o quê, a uma escola?

## **SATISFAÇÃO**

Há insatisfação que só pode realizar-se pela sua perpetuação enquanto tal. Sua finalidade não é buscar satisfação, mas é satisfazer-se na própria condição, a única que permite externar-se permanentemente como tal. Desejamos uma crítica? Que seja radical, operante. Que não seja superficial, satisfeita com a perpetuação simbólica de sua insatisfação. Que seja explícita, transparente em

todo o processo, garantindo o acesso de todos os interlocutores. **E que esses interlocutores busquem uma razão para além de si mesmos.**

Qual a forma? Há algo antes que deve animá-la? Com o que a animaremos? Com o que já sabemos e com o que já temos feito? Será perda de tempo, nem a concluiremos e já estaremos insatisfeitos, pois já estávamos antes (recém-nascidos-velhos). É necessário não se divertir apenas com a insatisfação do discurso, mas com **o trabalho de buscar satisfação realizando.**

Que conseqüências isso poderia ter para o desenho de uma experiência acadêmica? É possível um rumo? Com o que, de bom grado, gastaremos nossas energias, embriagaremos (ou não) nossa existência? O que seria um resultado aceitável e *satisfatório*? Como não cair em um lugar comum?

A chave não está na coisa que se idealiza em busca, mas no que fazer com a coisa em sua longa e difícil construção. A chave não está no caminho, mas em como esse caminho permite outros modos de caminhar, outros caminhos, o caminho dos outros e os seus (e chegaríamos a caminhos nossos caminhando com outros).

A chave está em que seu caminho permita que outros caminhos existam para além do seu, pois um dia, possivelmente, precisará deles para que sua imaginação alcance o mundo e não só a si mesma.

Reside em nossa *Condição Humana* e até onde sabemos única (Arendt), a natureza e a esperança de nossa luta na dimensão humana. Não porque não haja transcendência, mas porque só podemos realizar o que é sublime no que existe, na contradição de sua perda iminente, no risco de amarmos mais seu fantasma do que sua realidade.

De onde levantaria duas hipóteses sobre nossas necessidades de transformação e sobre o por que tantas tentativas parecem não dar certo:

1. "tudo está errado" = vontade inconfessável de controle e expressão com exclusividade de uma idéia ou desejo difuso sobre todas as outras idéias e ações.
2. circularidade infinita de um processo = o que parece meio é um modo de ser de seus participantes, onde o que parece fim, desejo de mudança, é apenas a preservação desse desejo indefinidamente, sua única forma de expressão e razão.
3. tenta-se definir o futuro (em alguma estrutura) para depois realizá-lo, praticá-lo a partir de um ponto em que não existe mas existirá pois foi pré-definido, preservando-se sem perceber, assim, o que está adormecido no presente

A solução não estaria nas grades, que podem sim ser importantes, mas não podem, por sua própria natureza arbitrária e normativa, atingir a condição de solução, a certeza de uma resposta. A resposta normativa do que seja o ensino de arquitetura é indiretamente uma resposta normativa do que seja arquitetura.

O amontoar não gera associações. As associações seriam formas de experimentação, de divergência, e não um amontoado que não explicita seus fundamentos, suas hegemonias, as contradições entre as diversas possibilidades que qualquer campo de conhecimento implica. O amontoado é uma afirmação radical de individualismo e indiferença, que se assenta no desconhecimento. O amontoado é homogêneo, é a privatização do público, é a simulação do coletivo. O coletivo, ao contrário, assumindo as diferenças, mas interagindo-as, se estabelece na heterogeneidade, estabelece uma esfera pública. É na divergência de possibilidades, mas na discussão de seus desenvolvimentos e de sua sedução, na limitação e responsabilização de suas práticas, no conhecimento de outras possibilidades por vezes conflitantes, na *inter-ação*, que reside uma esperança, uma possibilidade de liberdade.

### **Poema da Necessidade**

"É preciso casar João,  
é preciso suportar Antônio,  
é preciso odiar Melquíades,  
é preciso substituir nós todos.

"É preciso salvar o país,  
é preciso crer em Deus,  
é preciso pagar as dívidas,  
é preciso comprar um rádio,  
é preciso esquecer fulana.

"É preciso estudar volapuque,  
é preciso estar sempre bêbado,  
é preciso ler Baudelaire,  
é preciso colher as flores  
de que rezam velhos autores.

"É preciso viver com os homens,  
é preciso não assassiná-los,  
é preciso ter mãos pálidas  
e anunciar o FIM DO MUNDO. "

Carlos Drummond de Andrade

### **BIBLIOGRAFIA CITADA**

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poemas*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense, 2004 (1958)
- BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*. São Paulo: Record, 2006
- FROMM, Erich. *A arte de amar*. Tradução Milton Amado. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1995
- MAGNOLI, Miranda Martinelli. *Memorial de Titulação*. São Paulo: FAU-USP, 1987a
- MAGNOLI, Miranda Martinelli. *Paisagem pesquisa sobre o desenho do espaço*. In *Paisagem e Ambiente, Ensaios*. São Paulo, USP (1986), 1994a, 2º ed.
- MALDONATO, Mauro. *Raízes errantes*. Trad.: Roberta Barni. São Paulo: Ed. 34, 2004.
- MORIN, Edgar. *Amor, poesia, sabedoria*. Tradução Edgar de Assis carvalho, 7a ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005
- MORIN, Edgar. *O método. 1. A natureza da Natureza*. Trad.: Maria Gabriela de Bragança. Portugal, Edições Europa-América, 1997 [1977].
- PESSOA, Fernando. *Obras Poéticas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1995
- ROUGEMONT, Denis de. *O amor e o Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988. (primeira edição 1938)
- SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI. No loop da montanha-russa*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.